

ÂNGULOS E PERSPECTIVAS

ANGLES AND PROSPECTS

ANGULOS Y PERSPECTIVAS

Luciano Dias de Sousa

Mestre em Cognição e Linguagem e Docente na UEMG.

Samuel Sampaio Fialho

Graduando em História (UEMG).

Flávio Aparecido de Almeida

Mestre em Ciências da Religião.

Lucas Borcard Cancela

Mestre em Pesquisa Operacional e Inteligência Computacional pela Universidade Cândido Mendes. Com especialização em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ (2011). Graduado em Ciência da Computação pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE (2005).

Vidigal de Andrade Vieira

Possui Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); e, Doutorado em Ciência e Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ).

Resumo: O trabalho que o leitor possui em mãos tenta de forma sucinta tratar dos embates teóricos presentes dentro da instituição história enquanto disciplina produtora de um saber autenticamente válido, tanto para pares integrantes deste campo de atuação intelectual quanto, para a sociedade em toda sua gama de interesse histórico comum. Pretende-se aqui, um panorama geral teórico, dos conflitos, críticas, e congruências adventícios dos diálogos oriundos dos mais diversos teóricos da história e historiografia. À guisa de introdução, salienta-se uma preocupação com a manutenção da credibilidade histórica para manutenção cultural dos povos, sem, porém, deixar de considerar fecundas e instigantes ao debate as críticas das alas mais exaltadas ligadas à história, tanto de agentes internos a ela quanto de seus espectadores externos.

Palavras-chave: História; teoria; historiografia; crítica.

1. Introdução

*Wie es eigentlich gewesen*¹: eis uma história destituída de sentido, desconstruída. Narrar os fatos como aconteceram: eis o mantra auto-

estimulante dos historiadores de outrora. Não sem intenções primeiras, os profissionais do vasculhamento do passado lançavam-se nos arquivos em busca de uma validação discursiva – imbuídos na empreitada política contemporânea: o romântico discurso conservador nacionalista do passado (BENTIVÓGLIO, 2010, p. 32-33-35), à sua produção/fabricação (CERTEAU, 2017, p.45). A história como ferramenta política norteadora das ações dos homens (BENTOVÓGLIO, 2010, p. 23-27) não é algo incomum na produção histórica, antes, erige-se sobre um modelo teórico-metodológico de abordagem das fontes de forma pré-fabricado, com interesses pré-estabelecidos, primeiros aos dados propriamente ditos: uma espécie de ópio tentador advindo do cheiro e textura de papéis velhos dentro dos arquivos. As ambições políticas mescladas às pretensões históricas operavam uma relação simbiótica:

Eles percebiam uma relação intrínseca entre as motivações do presente com a investigação histórica, entre a compreensão teórica do estudo das sociedades no passado e a motivação para a ação política no presente, subsumidas a uma marcha, ilustrada pela história e pela própria trajetória nacional alemã, e com

¹ Resguardada todas as proporções da expressão, dada a relevância do estudo operado por Júlio Bentivóglgio, aqui referenciado, de que, em se tratando do caso de Ranke, configura-se um generalismo exacerbado reduzir a produção histórica e historiográfica deste historiador alemão neste jargão simplista. (BENTIVÓGLIO, 2010, p.24)

escamoteando pretensões universais, pois a defesa das singularidades da história não obliterava a ambição que tinham de escrever uma história mundial, na qual a Alemanha ocupava uma posição de destaque. (BENTIVOGLIO, 2010, p. 36)

Ou seja, passado e história não são coisas diferentes para eles como queria reforçar Keith Jenkins. Para Jenkins, até mesmo a instituição História como portadora de créditos pela sua elaboração de um conteúdo de saber válido, perde sua significação quando elevada à categoria dos discursos possíveis sobre o mundo: sendo a história, um dentre inúmeros discursos – ao lado do sociológico, antropológico, filosófico etc. – e, dentro mesmo do próprio campo existem suas subdivisões motivadas por interesses particulares que os compelem a narrar o passado de forma antagônica à uma outra versão do mesmo acontecimento abordado (JENKINS, 2013, p. 23). Teoria que se

choca com a realidade dos historiadores oitocentistas alemães narrada por Bentivoglio em sua pesquisa sobre o historicismo alemão, onde buscava-se a “uniformidade”² na construção da história, com vias ao içamento de um espírito nacionalista com significação comum histórica.

Abordagens de tal tipo³ colocaram em xeque a veracidade suposta da história, posto que após descortinada as intenções políticas subentendidas em seu discurso, o manuseio das fontes ficara suspeitos em sua expressão final: o discurso textual estruturalmente literário no qual obrigatoriamente deve-se inserir com vias a alusão do passado (WHITE, 2014)⁴. Um passado – construído – comum, justifica ações políticas futuras, também comuns – desde que o passe despercebido à crítica externa a si – e não só políticas, mas, culturais, sociais, epistemológicas etc. A “febre historicista” a qual Nietzsche Intempestivamente lançou sua crítica fora descortinada e seus anseios expostos à lume:

Além disso, esta consideração é intempestiva, porque procuro compreender como sendo um mal, um defeito, uma carência, algo que a época atual se orgulha a justo título, a saber, a sua cultura histórica (*historische Bildung*), porque acho inclusive que estamos todos corroídos por uma febre historicista (*historische Fieber*) e porque deveríamos, pelo menos ter consciência disso. Mas se Goethe tinha razão de dizer que cultivamos ao mesmo tempo o nosso vício e as nossas virtudes e se é verdade, como alguém disse, que uma virtude

² As aspas reforçam a cautela no uso do conceito, posto que alude a uniformidade discursiva relativa aos interesses políticos da Alemanha de então.

³ Que se tenha em mente que este não fora o tipo único a apresentar a vulnerabilidade da história e da historiografia no século XX, para apenas aludir a outros dois rápidos exemplos de modelos vulneráveis à crítica externa e interna à história, tomemos o tipo positivista (BARROS, 2013) e o “marxista vulgar” (HOBSBAWM, 2013): ambos os modelos historiográficos amplamente expostos de forma crítica nos dois textos de referência, nesta nota, que serão devidamente referenciados na bibliografia deste trabalho.

⁴ Também Roger Cahrtier reconhece essa problemática concernente ao produto final apresentado pelo historiador: o texto. (CHARTIER, 2016, p. 11)

virtude hipertrofiada – tal como é na minha opinião o sentido histórico (*historische Sinn*) da nossa época – pode, assim como um vício hipertrofiado, provocar a ruína de um povo, então que me permitam falar sobre isso (NIETZSCHE, 2005, p. 69)

A história operada por manuseio intencional – a *historische Sinn* – aqui fora tratada com justa medida. A crítica fecunda causou nas bases da história

tradicional alemã uma depleção, desnutriu-a de seus nutrientes básicos de atuação. Porém, é da hipertrofia da virtude que Nietzsche verbera seu juízo, da febre. Marc Bloch mais à frente no tempo retomará o mesmo assunto, porém resguardando a história das más compreensões nas quais ela está sujeita, sabendo bem ele da possibilidade deste tipo de abordagem conduzir a história ao descrédito (BLOCH, 2001, p. 42).

1. 2 O faro: um ofício

Apresentada as nuances na qual se apresenta a proposta teórica a respeito da história, deve-se ter em mente os dois lados do tabuleiro: os que ocupam as casas brancas e os que ocupam as casas negras do jogo⁵. Uma problemática se apresentou aos interessados - tanto à ala crítica da história quanto à ala mais "conservadora" da disciplina enquanto produção acadêmica - no passado: onde fica a fidedignidade do relato histórico, sendo ele um texto com caracteres e arcabouço literário – metáforas, metonímias, ironias etc. – oriundo de outro texto - intencional ou não? Assim como ocorrera na filosofia na era contemporânea, as validações de explicações sistemáticas entraram em colapso também na história, postulado o fato de que generalizações não abarcam a verdade epistêmica de períodos não mais substanciais. E, a substância que os representam expressa-se por meio de texto que pode ter sofrido ações intencionais em sua elaboração – tanto na origem: a fonte, quanto no relato historiográfico subsequente. Mas este não é o espectro insolúvel da história, talvez nem tenha ele descreditado o relato histórico: talvez tenha sido suscitador de um debate deveras prolífico e salutar à história.

Dos Annales⁶ a micro-história italiana, a fecundidade da história se expôs ao público como forma única de manutenção cultural, e localização humana do homem enquanto espaço e no tempo, nos dizeres de Berlin: “Somente os bárbaros não têm

⁵ Metáfora despossuída de qualquer juízo de valor, sem pretensões de hierarquizar os argumentos antagônicos.

⁶ Será com Fernand Braudel, na segunda geração dos *Annales*, que a história total terá seu ápice de aplicação. curiosidade em saber de onde vieram, como chegaram a ser o que são, onde parecem estar indo, se desejam rumar nesta direção e, se querem, por quê, e, se não, por que não.” (BERLIN, 2016, p. 17). Muito embora, venha Marc Bloch trazer à superfície o cuidado que se deve ter em busca das origens comum dos homens:

[Nunca é mal começar por uma *mea culpa*. Naturalmente cara a homens que fazem do passado seu principal tema de estudos de pesquisa, a explicação do mais próximo pelo mais distante dominou nossos estudos até à hipnose. Sob sua forma mais característica, esse ídolo da tribo dos historiadores tem um nome: é a obsessão das origens. Nodesevolvimento do pensamento histórico, teve também seu momento particular de favor.] (BLOCH, 2001, p. 56).

Não obstante, o *métier* do historiador apresenta-se como uma necessidade social comum, um povo sem história grafada incorre no risco de cometer erros por falta de parâmetros e paralelos dispostos no fluxo temporal, e, as cautelas necessárias no manuseio do objeto dizem respeito a consciência moral do profissional quanto à sua produção e o impacto que ela exerce sobre a sociedade representada no discurso como um todo. O faro pelo homem no tempo não cessa, é uma necessidade inata:

Por traz dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por traz dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça. (BLOCH, 2001, p. 54).

2. A ingênua pergunta de uma criança: o compromisso de uma resposta

Se narrar os fatos como de fato aconteceram não agradara aos críticos atenciosos ao discurso histórico, não agradou também aos amantes da história "científica em sua infância". Foi este o caso de Marc Bloch, da primeira geração dos *Annales*. Não se narra como de fato aconteceu, mas,

apreende-se de forma crítica das fontes abordadas o conteúdo no qual elas dizem subentendidamente, não as deixando falar do passado, mas, extraíndo delas o passado contido. Diferentemente de críticos mais "anarquistas" – guardadas todas as devidas proporções do termo, aqui utilizado meramente como figura de linguagem – os integrantes da primeira geração dos *Annales* vislumbram em meio às cinzas da história, a possibilidade de restauração da credibilidade teórica da histórica por meio de uma repaginação de repertório e aparato geral disponível aos novos historiadores, dispostos às mudanças de paradigma historiográfico, assim como mudam os cenários a sua volta:

Os *Annales* mudam porque tudo muda ao redor deles: os homens, as coisas; em uma palavra, o mundo. O mundo de 1938 já não era o de 1929. O que dizer então do mundo de 1942 ou o de 1946, que seja justo e, portanto, eficaz? Pois nós vamos assim, normalmente, orquestrando o tema romântico das ruínas. Vamos descartando as centrais elétricas, os viadutos e as pontes, os bairros das cidades e as aldeias que não respondem “presente” à chamada. Com os olhos arregalados de preocupação, acrescentamos baixinho: é a bomba atômica... (FEBVRE, 2011, p.76).

Esta mudança de cenário nem sempre esboça-se esteticamente bela aos olhos dos que prezam pela manutenção da escrita do passado. Em meio ao caos, repensar os modos de como escrever sobre o passado apresenta-se talvez como um logro paradoxal, não como uma atitude instigante de prazeres advindos do apreço à erudição. E, pensar a restauração é mais laborioso que pisar nos escombros a admirar a feiura da destruição.

O próprio Marc Bloch, diante do cenário catastrófico descrito por seu companheiro, sensibiliza-se e se empenha em responder – quando em cativeiro, após a tomada da França pelos nazistas – à pura e despreziosa pergunta da criança, direcionada a seu pai: "Papai, então me explica para que serve a história" (BLOCH, 2001, p.41), ou seja, dedica-se à elaboração exaustiva de uma resposta convincente à uma pergunta genuína oriunda dos lábios de uma criança, porém, capaz ela de pôr à prova todo teor epistêmico de um campo de saber: a história. A mesma credibilidade posta em xeque por um companheiro de guerra:

Em junho de 1940, no mesmo dia, se bem me lembro, da

entrada dos alemães em Paris. No jardim normando, onde nosso estado-maior, privado de tropas, exercitava sua ociosidade, remoíamos as causas do desastre: “É possível acreditar que a história nos tenha enganado?”, murmurou um de nós. Assim, a angustia do homem feito ia ao encontro, com um acento mais amargo, da simples curiosidade do rapazola. É preciso responder a um e a outro. (BLOCH, 2001, p. 43)

“É preciso responder a um e a outro”: visando sempre a manutenção da história por meio das mesmas fontes falhas de tais críticos supracitados, porém, sem determinismos prévios, ao contrário, suspeitando de suas intenções subjacentes em busca de um passado extraído de forma crítica às fontes que o revela.

Ambos os fundadores da nova corrente historiográfica, Marc Bloch e Lucien Febvre, recorriam a um artifício metodológico totalmente revolucionário à história: a interdisciplinaridade. O diálogo constante com outras disciplinas – Bloch com a sociologia Durkheimniana e Febvre com a geografia de Vidal de la Blache (BURKE, 2010, p.27-28) – abriu caminho à fecundidade no relato histórico. A derrubada do “antigo regime” historiográfico, o mesmo, indesejado da crítica reduzida à análise linguística do discurso histórico, só fora possível graças a esta “revolução francesa historiográfica” proporcionado por estes dois historiadores da primeira geração dos Annales. Marc Bloch extremamente lúcido e franco em dada altura de sua escrita relata:

Sem dúvida também, as civilizações podem mudar. Não é inconcebível, em si, que a nossa não se desvie da história um dia. Os historiadores agirão sensatamente refletindo sobre isso. A história mal-entendida, caso não se tome cuidado, seria muito bem capaz de arrastar finalmente em seu descrédito a história melhor entendida. Mas se um dia chegássemos a isso, seria ao preço de uma violenta ruptura com nossas mais constantes tradições intelectuais. (BLOCH, 2001, p. 42)

Ou seja: a ruptura que propõem àqueles que mal compreenderam a história, reduzindo-a à linguagem apenas, como se o homem apenas fosse constituído de fatores linguísticos. Diriam eles: “removamos do homem sua carga histórica, escamoteando sua relação linguística com seu objeto, livramo-lo de seu ‘fardo’”. Por mais que pareça volátil o objeto de estudo do

historiador, reduzi-lo a um fenômeno de expressão humana não lhe priva de outros que também o constituem, sendo mais expressivo, seria como se o homem fosse apenas um dado linguístico solto no universo, destituído de tempo. Evidencia-se, portanto, um posicionamento deveras responsável por parte de Bloch quanto a produção histórica. Não deve-se temer uma hipotética futura perda do sentido histórico que nos norteava há séculos, porém, tal ato, nos desliga daquilo que fora solo firme, base de apoio intelectual ao típico homem de saber ocidental: um ser histórico que se expressa pela linguagem que desenvolveu. E nesta relação, uma dimensão constituinte do homem, não anula a outra, elas se complementam. A história, se liga ao texto, à literatura à linguagem de modo geral pelo simples fato de a linguagem ser um dado ontológico do ser. O mesmo ocorre com a noção de história: o tempo, o passar do tempo e sua localização pretérita, o passado, também se apresenta como um dado constituinte da ontologia humana:

E aqueles que narram coisas passadas não poderiam relatar coisas verdadeiras, se não as vissem na mente. Ora, se o passado realmente não existisse, de modo algum poderia ser percebido. De onde se conclui que tanto o futuro como o passado existem (...), por conseguinte, em qualquer parte onde estiverem, seja o que for, não podem existir se não no presente. Quando narramos os acontecimentos passados, que são verdadeiros, nós os tiramos da memória. (AGOSTINHO, 1984, p. 342-343).

Aludindo a interpelação suscitada pela criança e que invadiu o espírito do soldado francês derrotado, se pudéssemos extrair deste breve raciocínio talvez não uma resposta objetiva, mas, sim um juízo balanceado e refletido, diríamos que a história não serve para algo, posto que úteis são bens descartáveis com uma curta ou longa duração de uso – usando uma lógica bastante mercadológica e consumistas das coisas –, diríamos que ela faz parte da constituição do ser do homem, que ela se apresenta à humanidade nos piores e nos melhores momentos de seu drama existencial, que ela nos coloca de frente conosco mesmo quando alçamos à língua tal indagação. Sendo longânime à questão: serve para denunciar os escombros deixados pelo ciar de bombas atômicas...

3. Conclusão: O outro – uma questão moral

As dificuldades concernentes ao relato histórico tendem a ser cada vez maiores, quando se tem em mente a reflexão a respeito do “outro”, como agente histórico. As considerações acerca da credibilidade do discurso histórico possuem adornos e preâmbulos morais. O outro o qual relato-o é o homem em semelhança, um ser verbal, portador de uma palavra enraizada em seu tempo, e, o compromisso do “bom historiador” é encontrá-lo mesmo que mudo até então e, deixa-lo se expressar, do contrário, incidimos no erro denunciado por Certeau, nos deparamos frente ao “fantasma da historiografia”:

O outro é o fantasma da historiografia. O objeto que ela busca, que ela honra e que ela sepulta (...) “A única pesquisa histórica do “sentido” permanece, com efeito, a do Outro”, porém este projeto contraditório pretende “compreender” e esconder com o “sentido” a alteridade deste estranho ou, o que vem a ser a mesma coisa, acalmar os mortos que ainda frequentam o presente e oferecer-lhe túmulos escriturários. (CERTEAU, 2017, p. XVI)

Exposto desta maneira o ofício do historiador, interpõe-se a ele uma barreira logo após esquivar-se das críticas vindas em sua direção quanto a natureza de seu feito: o obstáculo da fragilidade presente em seu objeto, o outro com ação verbal monologada vulnerável a inferência moral de um construtor de discursos, sujeito à falha de visualização do outro como uma espécie de tabula rasa passível (CERTEAU, 2017, p XI). Os riscos e a tentação de inscrever no outro nossas impressões intelectuais figuram na imagem como um tipo de lodo sob a pedra na qual o historiador deve firmar seu pisar enquanto se queira respeitável intelectualmente. Se faz um ato honesto assumir como fardo, porém no sentido positivo do termo, o compromisso de remar contra corrente – as dificuldades inerentes deste laborioso ofício –, e assumir o compromisso moral de ver a história como campo de atuação do diverso a ser localizado e alçado à fala de si mesmo. Tarefa árdua! Porém extremamente necessária à manutenção cultural dos povos.

A absorção por parte da história institucional das inúmeras setas inflamadas de espíritos críticos indiferentes a ela, demonstra o vigor e resistência do campo, e de seu produto final, a historiografia. O “fardo” não é da história, é do homem enquanto possuidor de consciência temporal e portador de linguagem competente a expressar essa passagem no *continuum* devir das coisas que aqui existem. E uma ruptura – concebida no âmbito epistemológico da coisa⁷ – com aquilo que é produto de origem desta disciplina, representa uma ruptura com aquilo que há de humano no tempo.

Me valendo da sapiência de Isaiah Berlin uma segunda vez, façamos nossas suas palavras no que diz respeito a produção histórica do homem: “na verdade, pode ser que jamais cheguemos a essas condições de conhecimento perfeito – talvez não disponhamos da força de espírito necessária, ou sejamos demasiados corruptos e pecadores para lograr tal feito.” (BERLIN, 2016, p. 25). Acrescentemos uma vírgula e mais palavras que não excedem à perfeição própria da frase original: nunca o teremos perfeito, mas sempre o teremos como possibilidade!

Bibliografia:

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**: In: Livro X. São Paulo: Paulus, 1984.

BARROS, José D’assunção. **Teoria da História**. In: II. Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENTIVOGLIO, Julio. **Cultura Política e Historiografia Alemã no Século XIX**: A Escola Histórica Prussiana e a *Historische Zeitschrift*. Goiás: Revista de Teoria da história Ano 1, Número 3, Junho/2010.

BERLIN, Isaiah. **Uma Mensagem para o Século XXI**. Belo Horizonte: Âyiné, 2016.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo, Editora da Unesp, 2010.

⁷ Posto que o material de cunho literário porta seu peso no nível estético da existência, já o histórico no nível científico, assim queria Bloch com “A ciência dos homens no tempo”.

BLOCH, Marc. **Apologia da História:** ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2016.

FEBVRE, Lucien. **Contra o Vento:** Manifesto dos novos Annales. São Paulo: Nova história em perspectiva volume 1 / organização e introdução Fernando A. Novais e Rogerio Forastieri da Silva, Cosac Naify, 2011.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** In: O que os historiadores devem a Karl Marx. Companhia das Letras, 29 de jan de 2013

JENKINS. Keith. **A História Repensada.** São Paulo: Contexto, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre História.** Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC- Rio/Loyola, 2005.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso:** Ensaios sobre a Crítica da Cultura (Ensaios de Cultura 6). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.